

Espera-ação ou O que se espera de Penelopeia?

Crítica do espetáculo *Penelopeia: uma palestra dançada*

Por Daniel Toledo

I

Quando nos voltamos ao dicionário, parece haver uma sutil ambiguidade no sentido do verbo "esperar". O primeiro sentido, mais óbvio, se refere a estar ou ficar à espera, a simplesmente aguardar e deixar passar o tempo – como acontece, por exemplo, quando chegamos um pouco mais cedo ao teatro e esperamos até que possamos entrar.

O segundo sentido, por outro lado, remete a ter esperança: a contar com alguma coisa e criar expectativas sobre algo que ainda não aconteceu. Isso acontece, por exemplo, quando nos dedicamos por muito tempo a um trabalho e esperamos alcançar, por meio desse trabalho, os objetivos que nos moviam no início da jornada.

Frequentemente percebida como uma atividade passiva e silenciosa, a espera é uma condição que faz parte da vida de qualquer pessoa. Enquanto esperamos, no entanto, nossos corpos-mentes-corações continuam funcionando. E às vezes a espera, dentro da caminhada da vida, é uma atitude necessária para que possamos elaborar – ou reelaborar – o passo seguinte.

Conhecida pela astúcia de prolongar por vinte anos a espera pelo retorno do marido que havia ido à Guerra de Tróia, a personagem Penélope, presente na obra literária *Odisseia*, corresponde a um dos pontos de partida do espetáculo *Penelopeia: uma palestra dançada*, trabalho que se apresenta como desdobramento artístico de uma pesquisa acadêmica realizada pela atriz, pesquisadora, coreógrafa, diretora – e ex-trapezista – Raquel Karro.

Intitulada *Penelopeia: quando uma atriz encontra a performance e outras histórias*, a pesquisa foi realizada entre 2020 e 2022, dentro do Programa de Pós-Graduação de Artes da Cena da UFRJ, sob a orientação da professora Eleonora Fabião. Além de Eleonora, muitas outras pessoas contribuíram para o processo de criação do espetáculo, cujo aspecto colaborativo, aliás, é destacado em distintos momentos da encenação.

Ao ultrapassar os limites da universidade, a obra cumpriu temporada em abril de 2023, no Sesc Copacabana, e retornou aos palcos somente em agosto de 2024, na programação do 10º Festival Midrash de Teatro. Entre um contexto e outro, portanto, houve um longo tempo de espera – conforme pontuou a própria atriz, após o encerramento da apresentação que gerou esta crítica.

II

Quando entramos no teatro, encontramos Raquel sozinha em cena, com uma atitude entre a espera e a vertigem, tendo ao seu redor algumas cadeiras, dois espelhos, uma pilha de livros, um computador e um projetor – elementos que, a princípio, remetem mais a uma palestra do que a um espetáculo de dança. No fundo do palco, há ainda uma grande tela de projeção que inicialmente nos convida a contemplar os imprevisíveis movimentos do mar.

"Por que Penélope?": essa é a primeira pergunta-dispositivo que a atriz-pesquisadora faz a si mesma, revelando certa perplexidade e desconfiança em relação ao próprio interesse por Penélope – uma personagem que parece encarnar o antiquado papel de esposa fiel e paciente, que "apenas" espera o retorno do marido.

A partir dessa inquietação, a atriz transita entre passagens narrativas (ou palestradas), ações performativas e partituras coreográficas, compartilhando com o público uma ampla gama de reflexões, situações e sensações experimentadas no decorrer de seu processo de pesquisa. Enquanto determinadas experiências são apresentadas de relance, tais quais alguns estudos sobre obras artísticas contemporâneas interessadas na mesma personagem, outras etapas se convertem em longos quadros cujas durações por vezes parecem pouco ajustadas aos resultados que oferecem.

Raquel nos apresenta em detalhes, por exemplo, uma operação no mínimo inusitada: investigar, a partir de uma amostra aleatória de perfis em redes sociais, quais seriam – segundo as donas desses perfis – as principais motivações e associações relacionadas ao nome Penélope. Posicionada atrás de um púlpito, a atriz assume ares de conferencista e dá início, a partir de então, à apresentação de suas entrevistadas. O que temos, no entanto, é uma enxurrada de auto-apresentações superficiais e repletas de clichês – dando a ver elementos bastante típicos ao universo das redes sociais. O contraste entre esses supostos achados e a aparente seriedade da leitura termina por provocar o riso da plateia.

Mais adiante, dando continuidade ao mesmo quadro, traz minuciosos relatos sobre as conversas com suas entrevistadas, ilustradas no telão por imagens de corpos expostos e muito biquíni. Ali, mais uma vez, possíveis resultados se veem ofuscados por um tratamento cômico que pouco parece contribuir para a percepção da complexidade da pesquisa.

Nas entrelinhas dessa longa passagem, é bom dizer, abre-se espaço para reflexões em torno de aspectos relacionados a certo ideal feminino, tais quais os excessivos cultos à beleza, ao casamento, à família e à maternidade – cultos que a atriz-pesquisadora não esconde enxergar com criticidade.

III

Ainda que a personagem de *Odisseia* se faça presente em algumas das conversas virtuais, é outra figura feminina que parece se sobressair. Trata-se, para nossa surpresa, de Penélope Charmosa: uma personagem loira, rica, bem-vestida e curiosamente apressada, popularizada entre diferentes gerações de crianças a partir da série de animação *Corrida Maluca*.

Apontada como importante referência por boa parte das pessoas e estabelecimentos com os quais a Raquel faz contato, é Penélope Charmosa – e não a Penélope grega – que parece inspirar um dos momentos mais astuciosos do trabalho, no qual a atriz, como quem se olha no espelho, volta seus olhos críticos a uma experiência autobiográfica que levamos algum tempo para entender como realidade.

A partir da projeção de fotografias de seu acervo pessoal, Raquel rememora, em uma bem humorada narrativa, a própria participação em dois concursos de beleza. Relembra a própria adolescência, vivida no início dos anos 1990, muito antes das redes sociais. E deixa ver, a partir dessa narrativa ilustrada, um passado marcado pela convivência íntima com um imaginário de misses e modelos.

A jovem Raquel, com seus longos cabelos castanhos e ondulados, venceu um dos dois concursos. A mulher adulta que vemos em cena parece não se encaixar no antigo retrato exibido no telão.

Não haveria aí uma pista sobre a resposta daquela primeira pergunta?

IV

Mesmo partindo de uma pesquisa acadêmica, *Penelopeia: uma palestra dançada* parece se direcionar mais a compartilhar as perguntas e os procedimentos que moveram sua criação do que a oferecer, efetivamente, possíveis respostas e resultados. "Parece que aquilo que nos constitui é o que precisa ser desfeito – destramado. Ou ainda: que aquilo que passamos a vida a desfazer é o que nos constitui", tateia a atriz, já se encaminhando aos momentos finais da apresentação.

"O que se espera de Penélope?", aliás, é a segunda pergunta-dispositivo colocada pelo espetáculo, que pouco a pouco direciona sua dramaturgia a uma discussão mais ampla sobre expectativas sociais que ainda hoje recaem sobre muitas mulheres – certamente com a ajuda de cânones da literatura ocidental (escritos por homens), como é o caso do poema *Odisseia*.

No que se refere à Penélope grega, é bom lembrar, a atitude de espera é muitas vezes interpretada como astúcia. Mais do que denotar fidelidade e paciência, afinal, a escolha por prolongar a espera pelo marido – enquanto trama e destrama em segredo uma colcha prometida ao sogro – também significa, aos olhos da personagem, a possibilidade de adiar

o próximo casamento e desviar-se em relação um destino social aparentemente inevitável. Ao decidir esperar, Penélope escolhe permanecer sozinha – e essa atitude pode, sim, conter um feito admirável.

V

No último quadro da apresentação, chegamos à derradeira pergunta: "E se esperássemos por Penélope?". Dessa vez, a pergunta é desdobrada em cena com a exibição do registro de uma performance realizada no terminal de balsas da ilha de Paquetá, ao longo da qual a atriz permanece em pé, próxima à área de desembarque, segurando um cartaz onde lemos, em grandes letras, o nome da personagem.

Certo ar nonsense paira sobre o acontecimento da performance, contribuindo, outra vez, mais para o riso da plateia do que para a acentuação dos sentidos movimentados pelo trabalho. Ao que parece, Penélope não vem. Mas isso, talvez, não seja um problema.

Daniel Toledo é dramaturgo, crítico e curador em artes cênicas e artes visuais.